



ISSN: 2595-5713

Vol. 06 | N°. 12 | Ano 2023

# EXPANSÃO DO TOCOÍSMO EM ANGOLA E AS RELAÇÕES COM A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL (1950-1974)

EXPANSION OF TOCOISM IN ANGOLA AND RELATIONS WITH  
COLONIAL ADMINISTRATION (1950-1974)

**RESUMO:** Este artigo buscou compreender o tocoísmo e seu líder, Simão Toco, no âmbito de um nacionalismo no espaço colonial português. A hipótese é de que os tocoístas adquiriram sua identidade durante o processo de descolonização/independência, no contexto do tratamento que lhes foi dado pelas autoridades coloniais desde o ano de 1950, quando da chegada em Angola após a expulsão da RDC pelas autoridades belgas, acusados de obstruírem a ordem e a tranquilidade social. Neste artigo reconstitui-se a expansão e organização desta Igreja em Angola entre os anos de 1950 a 1974. Foram usadas como fontes documentos do Ministério do Ultramar Português (Arquivo Histórico Diplomático), da PIDE/DGS Serviços Centrais e Delegação de Luanda, e dos Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Angola. O artigo tem caráter exploratório e busca compreender a construção de Simão Toco e do Tocoísmo enquanto parte da história de Angola e da RDC.

**Fernando H. Panzo Macaia**

**PALAVRAS-CHAVE:** Simão Toco; Tocoísmo; Nacionalismo Religioso Angolano; Igrejas Africanas; Tocoístas.

**ABSTRACT:** This article sought to understand Toco-ism and its leader, Simão Toco, in the context of nationalism in the Portuguese colonial space. The hypothesis is that the Tocoists acquired their identity during the process of decolonisation/independence, in the context of the treatment given to them by the colonial authorities since 1950, when they arrived in Angola after the expulsion from the DRC by the Belgian authorities, accused of obstructing order and social tranquillity. This article reconstructs the expansion and organisation of this Church in Angola between 1950 and 1974. The sources used were documents from the Portuguese Overseas Ministry (Historical Diplomatic Archive), the PIDE/DGS Central Services and Luanda Delegation, and the Angolan Information Centralisation and Coordination Services. The article is exploratory in nature and seeks to understand the construction of Simão Toco and Tocoism as part of the history of Angola and the DRC.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

**KEY WORDS:** Simão Toco; Tocoism; Angolan Religious Nationalism; African Churches; Tocoistas.

## EXPANSÃO DO TOCOÍSMO EM ANGOLA E AS RELAÇÕES COM A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL (1950-1974)

Fernando Hélder Panzo Macaia <sup>1</sup>

### Introdução

Depois da formação do Coro de Kibocolo (1943) e ter tido uma participação ativa e bem-sucedida na Conferência Protestante em 1946, Simão Toco e seus discípulos fizeram um caminho que os conduziu à ruptura com a Missão Batista de Léopoldville e com as autoridades coloniais congolenses, culminando com a expulsão administrativa do Congo Léopoldville. O processo de expulsão ou repatriamento para Angola foi tratado com a administração colonial portuguesa que preparou o acolhimento do grupo na região do Bembe, onde todos os pioneiros tocoístas foram inicialmente concentrados (1950). Este artigo cobre o período de 1950 a 1974.

As primeiras seções centram-se na instalação, organização e expansão do Tocoísmo em Angola e nas relações tensas e conflituosas mantidas, desde cedo, com as autoridades administrativas e religiosas coloniais portuguesas que em Simão Toco e no Tocoísmo viram desde cedo tendências socialmente dissolventes e independentistas. A seção final é dedicada à longa experiência de exílio (deportação) de Simão Toco nos Açores (1963 a 1974) e as incidências de tal circunstância na organização e dinâmica da Igreja em Angola. Para a nossa discussão foram usadas como fontes documentos provenientes de três fundos, reunidos no âmbito do Ministério do Ultramar (Arquivo Histórico Diplomático; PIDE - ANTT e SCCIA). No seu conjunto, as fontes proporcionaram informações diversas, proveniente de relatórios militares/policiais, administrativos e documentação tocoísta.

### Vale do Loge (Bembe): a Primeira Sede da Igreja Tocoísta (1950 a 1952)

A data de 25 de julho de 1949 foi considerada por Simão Toco e seus seguidores como sendo da descida do Espírito Santo em África, momento que criou um mal-estar com as autoridades coloniais belgas. A situação ainda se tornou mais grave, porque estando o fundador vinculado à Missão Batista de Léopoldville, quando os responsáveis se aperceberam do sucedido, segundo Eduardo dos Santos, o Reverendo Salomon, em nome da Igreja, havia chamado Simão Gonçalves Toco e repreendeu-o, dizendo que ainda não era chegado o tempo da descida do Espírito Santo em África. Consta que estas e outras advertências foram feitas ao novo

---

<sup>1</sup> Doutor em História Contemporânea (Universidade de Évora - Portugal); Professor Auxiliar - ISCED do Uíge (Angola). [heldermacaiaosanto@hotmail.com](mailto:heldermacaiaosanto@hotmail.com)

Profeta, mas que pura e simplesmente as ignorou, o que obrigou os missionários da BMS a vetarem a sua participação nos cultos e a frequência da Missão (SANTOS, 1972, p. 374).

Foi essa proibição imposta pelos missionários que fez Simão Toco tomar a decisão de continuar a orar em sua casa, pois, de acordo com o Profeta, Deus não se encontrava apenas entre os missionários batistas. Para Luvualu David, um dos primeiros adeptos de Simão Toco, segundo o testemunho prestado à Silva Cunha, investigador da Junta do Ultramar, e referido por Eduardo dos Santos, os missionários quando souberam que ele convocava reuniões para sua casa, denunciaram-no às autoridades belgas, acusando-o de ser fomentador de desordem pública e fundador de um movimento de cariz político (SANTOS, 1972, p. 374).

As autoridades belgas, contando com a preciosa ajuda dos missionários batistas de Léopoldville, decretou a prisão e o repatriamento de Simão Toco e de seus sequazes, através de Despacho do dia 8 de dezembro de 1949, mas que teve efeito a partir do dia 10 de janeiro de 1950. O despacho referia no essencial:

Atendendo a que os indígenas originários de Angola (...), praticam e manifestam o desejo de continuar a praticar os ritos de uma doutrina místico-religiosa hierarquizada, pregando a vinda de uma ordem nova que sob o reino de um novo Cristo derrubará as autoridades e os poderes actuais para tomar o seu lugar e fazer reinar a justiça; atendendo a que estas práticas são de natureza a perturbar profundamente a tranquilidade e a ordem públicas (...), este movimento místico-religioso apresenta afinidades evidentes com as doutrinas espalhadas pela Associação Watch Tower, e que se provou que o seu chefe Simão Gonçalves Toco está enfeudado a esta associação, como se conclui da sua correspondência com a sede da Watch Tower em New York; são expulsos do território da colónia do Congo (...).<sup>2</sup>

As autoridades administrativas coloniais portuguesas tomaram conhecimento do assunto quando em dezembro de 1949 foi o Governador-geral de Angola informado que seriam expulsos do Congo Léopoldville, vários nativos de Angola tidos como suspeitos de atividades subversivas, pelas seguintes razões:

1. Por mostrarem desejos de continuar a praticar ritos duma doutrina místico-religiosa, hierarquizada, pregando uma nova ordem que, sob a égide de novo Cristo, expulsaria as autoridades e poderes actuais, substituindo e fazendo reinar a justiça. 2. Por estas actividades estarem a perturbar a grande massa indígena dos centros urbanos, onde a assimilação da doutrina se fez com extrema rapidez. 3. Por estar provado ter perturbadoras afinidades com as doutrinas difundidas pela Watch Tower Society.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: **Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo**, 00.12.1956, fls. 400.

<sup>3</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: **Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco**, 22.01.1963, fl. 13.

O *Arrêté* de expulsão identificou os 82 indivíduos que acompanhavam Simão Toco quando este, em janeiro de 1950, foi entregue às autoridades coloniais portuguesas, na povoação fronteiriça de Noqui. A instalação no território do Vale do Loge efetivou-se:

quando o Governo do Congo belga resolveu dissolver o Tocoísmo, expulsou os seus membros oriundos de Angola, os quais regressaram à província aparentando grande contentamento, tendo sido distribuídos, em grupos por diversas zonas. Assim, o grupo mais numeroso foi ocupar o Colonato do Vale do Loge, seguindo-se na Damba, Bungo, Carmona, Songo, Negage (...). No Vale do Loge, durante muito tempo, estes grupos evidenciaram esplêndidas qualidades de trabalho e disciplina, atribuindo-se-lhes, porém, uma certa resistência passiva.<sup>4</sup>

Os relatórios das autoridades administrativas do Bembe referem que Simão Toco e seus seguidores foram:

jubilosa e carinhosamente recebidos, logo foi adotado para com eles um procedimento de exceção que chocou as populações locais que nunca viram o Estado rodear de tanto interesse as suas condições de vida. Instalados em colonatos construídos intencionalmente, neles passaram a gozar uma assistência sanitária e técnica que nunca sonharam. E esta proteção dispensada pelos poderes públicos atraiu necessariamente para a seita a atenção dos outros indígenas.<sup>5</sup>

Foram acompanhados com dois técnicos portugueses, para a região do Vale do Loge, a fim de servirem *a posteriori*, de mão-de-obra para o desenvolvimento de um colonato agrícola idealizado pela Junta de Exportação do Café, no âmbito das políticas de povoamento e desenvolvimento agrárias promovidas pelo Governo-geral de Angola (BLANES, 2013, p. 43-44). A Simão Toco foi-lhe dado o cargo de Chefe dos colonos na Junta do Café, no Vale do Loge, em janeiro de 1950. Passando pouco tempo verificaram-se um certo número de casos de indisciplina coletiva e de desobediência, na população indígena da região. Apurou-se que Simão Toco mantinha em atividade a sua seita, por meio de pregação direta e conseguindo mais adeptos.<sup>6</sup>

Durante a fase inicial dos trabalhos e conseqüente desenvolvimento da franja agrária, foi graças à sua postura de submissão voluntária ao trabalho agrícola, que o grupo de “deslocados” conseguiu, evitando situações de violência extrema, coexistir com as autoridades coloniais que, por sua vez, os autorizavam a praticar as suas atividades litúrgicas (BLANES, 2013, p. 44). O plano de colocar Simão Toco e os acólitos no Colonato do Vale do Loge, em janeiro de 1950,

Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial n.º 340/62-S.R *Informação Sobre Tocoísmo*, 12.11.1962, fls. 164-167.

<sup>5</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Recrutamento*, 25.05.1963, fl. 95.

<sup>6</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 14.

levado a cabo pela administração colonial, visou circunscrever os tocoístas e aproximá-los da antiga Missão do profeta revelador (Bembe onde Simão Toco frequentou a Missão Batista) na expectativa de convencê-los a abandonar a ideia inicial sobre a descida do Espírito Santo em África e a conseqüente fundação do seu movimento. No entanto, o regresso à sua Missão “mãe” não demoveu Toco em cumprir o seu intento profético (BLANES, 2013, p. 44-45).

Por seu turno, as autoridades religiosas pronunciaram-se sobre o regresso de Simão Toco para Angola, lamentando que a “*fronteira se abra a indivíduos indesejáveis, mesmo devidamente documentados, como este, sendo sobejamente conhecida a sua acção anticatólica e antinacional. Claro, se é anticatólica, é logicamente antinacional porque estruturalmente Portugal é um país Católico desde o berço*”.<sup>7</sup> Apoiando-se naquele pronunciamento e tendo em conta a situação vivida, o Administrador da região propôs ao Governador, em meados de 1950, que tomasse medidas contra os seguidores daquele movimento:

sou de opinião que o Governo não deve permitir a entrada de mais indígenas no Colonato do Vale de Loge e que seria a medida acertada, para fazer terminar a propaganda, expulsar para a Baía dos Tigres ou para S. Tomé indígenas que se sabe fazerem propaganda, ainda que com base em auto que aprovasse. Também seria determinada rigorosa fiscalização no trânsito de indígenas, não só no centro da área, mas também entre Uíge-Toto-Bembe e Toto-Ambriz, Luanda-Uíge-Bembe-Damba-Ambaca-Lucala. Seria de aconselhar a escolha de um chefe de posto para o Bembe e a quem seria recomendado muita firmeza e energia (...).<sup>8</sup>

Para tranquilizar essa região, Simão Toco foi mandado para Luanda e daí para Caconda (novembro de 1950). Aqui verificou-se o mesmo fenómeno, pelo que as autoridades o fizeram seguir para o posto do Jau (janeiro de 1952), mais tarde para Cassinga (junho de 1954) e daqui para o farol da Ponta Albina (dezembro de 1955). As causas destas transferências foram sempre as mesmas: casos locais de indisciplina e desobediência coletiva e continuação de prédicas e práticas religiosas com atividades expansionistas da seita.<sup>9</sup> O Vale do Loge tinha sido a sede da primeira Igreja Tocoísta. Dessa região, emergiu e expandiu-se para o resto do território angolano, congregando nas suas fileiras cada vez mais adeptos. Simão Toco foi transferido para Luanda e depois seguiu para a zona Sul de Angola, no ano de 1950.

<sup>7</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco e o Tocoísmo*, 29.09.1954, fl. 113.

<sup>8</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento Confidencial n.º 49: *Seitas Religiosas: Informações sobre o Tocoísmo no Bembe*, 19.02.1951, fls. 24-32.

<sup>9</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 14.

## Dispersão Forçada e a Difusão Tocoísta em Angola (1950-1965): a Formação de Uma “Igreja” Com Expressão “Nacional”

Depois da expulsão do Congo-Léo e instalado Simão Toco e os seus seguidores no Vale do Loge, no norte de Angola, em 1950, o Movimento inicia uma fase de expansão quase imediata para o que muito contribuiu a política de dispersão territorial dos tocoístas adotada pelas autoridades coloniais administrativas, fixando-lhes residência em diversas localidades da província.<sup>10</sup> Outro fator que facilitou uma nova vaga de difusão do Tocoísmo foi o recurso forçado a Simão Toco, pelas circunstâncias do início da luta de libertação, para a recuperação dos seus sectários e refugiados que, em grande número haviam abandonado os povos nas áreas afetadas pelo ataque da UPA, em março de 1961.<sup>11</sup>

Analisaremos neste ponto esta mobilidade geográfica forçada como instrumento de contenção, nomeadamente as transferências de Simão Toco e sua esposa Maria Rosa para Luanda e de alguns tocoístas para outras áreas do Norte - Maquela do Zombo, Bungo, Damba, Negage, Sanza Pombo, Alto Cauale - assim como para o Litoral Sul e interior central de Angola. A informação qualitativa dos anos 1950 permite uma configuração geral da evolução da Igreja Tocoísta em Angola, deixando evidente que a dispersão geográfica dos tocoístas não travou, tendo antes constituído um fator essencial da sua expansão, a partir do Uíge, para toda a linha costeira, de Luanda ao Namibe com alguma penetração em direção ao planalto central.

O mapa de janeiro de 1963 (ilustração n.º 01) serviu-nos de guia na exploração da expansão do Tocoísmo até meados dos anos de 1960s, registou todos os núcleos expressivos do Tocoísmo. Existiram na província de Angola, três grandes centros de difusão da doutrina tocoísta: o de Luanda, o de Benguela e o de Caconda (Huíla). O centro de Luanda tinha sob a sua influência os núcleos que existiam nos distritos do Zaire e Uíge; o de Benguela influenciava os núcleos que existiam no Huambo e Moxico, enquanto o de Caconda apenas teve ação sobre as regiões vizinhas, e com a falta de comunicação regular com Luanda, adaptaram à igreja à região e aos seus usos, ganhando a sua própria personalidade.<sup>12</sup>

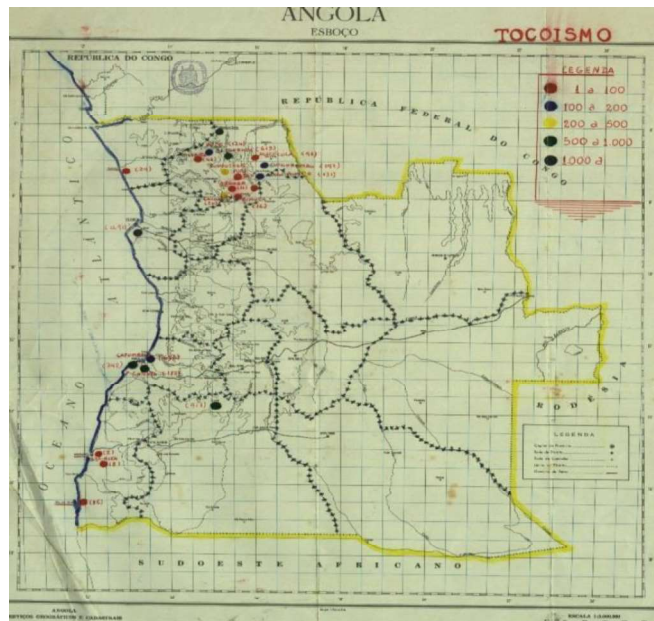
Os Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Angola (SCCIA), que passaram a acompanhar, pelo menos desde janeiro de 1962, com grande proximidade, a atividade dos Tocoístas - integrando-os na categoria dos “Movimentos (Partidos) Emancipalistas” (1962), a seguir no dos “Movimentos Subversivos Angolanos (agosto 1963), e depois na dos “Movimentos Subversivos Angolanos e Seitas de Angola e Outras Províncias” (agosto de 1964) -, cartografaram os núcleos tocoístas ativos em todo o território, cuja informação permite uma

<sup>10</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fl. 118.

<sup>11</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 294.

estimativa grosseira da dimensão demográfica da Igreja Tocoísta no início de 1963: cerca de 12.000 membros controlados pelas autoridades, distribuídos por 22 núcleos de dimensões variáveis, compostos por “78 dirigentes principais”, “39 anciãos”, “78 Catequistas” “5 pregadores”, “4 guardas”, “6 mestres de canto” e 32 outros dirigentes, num total aproximado de 242 membros dirigentes. É plausível que este número fosse na realidade superior, uma vez que muitos não eram visíveis e evitavam o contato regular com as autoridades.

Ilustração n.º 01: Esboço de Angola - Expansão do Tocoísmo – 1965



Fonte: Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Tocoísmo: Estudos sobre a Seita (1962-1966), 23.01.1963, fl. 61.

Vendo no seu conjunto, os núcleos tocoístas projetam-se em 6 “regiões”: A região inscrita no Distrito do Uíge, com 13 núcleos tocoístas (62%), parece ser o território de maior presença, influência e expansão “recente” do Tocoísmo. Os restantes núcleos estavam presentes na área de Ambriz, na cidade de Luanda, na região constituída pelo triângulo Benguela, Catumbela e Lobito, Moçâmedes/Namibe, no Moxico e finalmente na região da Huíla, com núcleos nas áreas de Caconda, Sá da Bandeira e Humpata. A exploração da informação cartográfica, permite estimar a existência de dois núcleos (Bungo e Caiongo «Alto Cauale»), com cerca de 700 elementos; 6 núcleos (Caconda, P. Canata, Benguela, Luanda, Maquela do Zombo e 31 de Janeiro-Nsosso), que reuniram cerca de 7.000 membros; quatro núcleos (Catumbela, Sanza Pombo, Cuilo Pombo e Mpete Nkuso) com cerca de 1.500 membros e finalmente, 10 núcleos mais pequenos (Ambrizete, Mucaba, Macocola, Púri, Negage, Dimuca,

<sup>12</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 306.

Moçâmedes, Santa Rita, Baía dos Tigres e Damba) que congregariam cerca de 2.000 membros. Se considerarmos a áreas de localização, é clara a grande concentração dos tocoístas no Uíge.<sup>13</sup>

### Os Tocoístas no Uíge

Os relatórios do SCCIA, iniciados em janeiro de 1962, assinalam a recente expansão do Tocoísmo e das atividades prosélicas da seita em áreas como as dos Postos de Caiongo (1963), 31 de janeiro (1963), Alto Cauale (1963), Maquela do Zombo (1963-1965), Negage (1963-1964), Sanza Pombo (1963-1965), Bungo (1965), Damba (1962-1965).<sup>14</sup> Nesta zona, o núcleo de grande relevância foi o que se situava na região de Maquela do Zombo. Em março de 1963 alguns relatórios dos SCCIA indicavam que naquela região os tocoístas eram considerados como indesejáveis e que o seu principal núcleo se situava no Povo N'taya, donde irradiava toda a propaganda da seita.<sup>15</sup>

O núcleo tocoísta de N'taya/Maquela do Zombo, por sinal o mais influente de todos na região do Uíge, atravessava um período de certa agitação, motivada por desentendimentos que surgiram entre os fiéis. Presume-se que estas dissensões tenham sido provocadas por discordâncias relativas à designação dos componentes do conselho dos 120 e que tenha contribuído para a visita de dois dirigentes do núcleo de Luanda ao N'taya. Ficou confirmado num dos relatórios das autoridades administrativas coloniais dois momentos de divisões no seio dos tocoístas:<sup>16</sup>

As dissensões que o núcleo tocoísta de N'taya atravessava, parece terem a sua razão de ser no antagonismo tradicional que sempre opôs os ex habitantes do colonato do Vale do Loge, que ali se encontravam a título transitório, aos habitantes naturais daquele povo. De fato, mau grado aqueles eram em número inferior, mas que aos poucos começavam a conquistar gradualmente um maior ascendente, na hierarquia da seita, como também pelo fato de terem vindo do Loge, terra que entre os tocoístas adquiriu aura de lugar santo. Com as designações dos elementos que deveriam constituir o Conselho dos 120, estas desavenças ter-se-iam avolumado, constando até que o regedor João Regino teria sido alvo de uma tentativa de envenenamento, promovida pelos do ex-colonato do Vale do Loge.

---

<sup>13</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Tocoísmo: Estudos sobre a Seita (1962-1966), 23.01.1963, fl. 61.

<sup>14</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 11.

<sup>15</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 54*, 29.03.1963, fls. 71-72.

<sup>16</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 124, *Relatório de Situação n.º 129*, 30.09.1964, fl. 83.



Em outras localidades do Uíge, as atividades tocoístas continuaram a ser realizadas, mas sob o olhar atento das autoridades administrativas.<sup>17</sup>

## Os Tocoístas em Luanda

Na sequência da política de dispersão, Simão Toco e outros elementos do grupo, em meados de 1950, abandonam o Bembe e foram instalados em Luanda, onde Toco permaneceu pouco tempo, sendo colocado em Caconda em novembro de 1950. Esta breve presença na capital da Província de Angola dará origem ao primeiro núcleo de tocoístas da cidade. Se foi esse o seu princípio, pouco se desenvolveu nos anos que se seguiram até 1957, pois a 31 de julho deste ano informava um correspondente de Luanda: “(...) já somos ao todo 118 pessoas e em 1958 graças a Deus se aumentará o número (...) uns são trabalhadores nas padarias, outros nas fábricas, hospitais (...)”.<sup>18</sup> No princípio este núcleo estava composto por uma maioria do povo bakongo, oriundo do norte de Angola.

No início de 1958 havia dois grupos em Luanda e deu-se uma orientação política ao grupo, mas não muito clara. Uma parte ficava na zona dos Blocos (vulgo, bairro dos congoleses) e outro no musseque da Mota (atual Sambizanga). Teve na pessoa de Luvualo David como principal dinamizador, onde organizou a “Casa Grande”, em que viviam os 12 Grandes ou os 12 apóstolos, sob a chefia de Ambrósio Kinavuilo, representante direto de Simão Toco. A partir deste momento começou-se a explorar a figura de Simão Toco, como “Deus negro”, “Profeta de Cristo”.<sup>19</sup> Depois de terminadas as viagens para as matas do Norte da província<sup>20</sup>, Simão Toco instalou-se em Luanda em 1962 e chamou, pois, a si a direção da Igreja e dando provas de bom organizador, conseguiu sanear o ambiente em que esta vivia e imprimiu-lhe um ritmo de expansão acentuada. Luanda passou então a ser considerada o “Vaticano” do Tocoísmo. Aqui começaram a afluir, discretamente e sob o pretexto de visitarem familiares, de obterem tratamento, etc., indivíduos vindos de diversos pontos da Província, predominando os do Norte.

21

As estatísticas dos tocoístas aumentaram para 1.647, em junho de 1962, com indivíduos oriundos das mais variadas procedências. Entre os 139 solteiros contabilizados, encontravam-se,

<sup>17</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1964, fls. 430-434.

<sup>18</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Núcleo de Luanda*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>19</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 15.

<sup>20</sup> Província de Angola, Norte da Província: terminologia adotada pelas autoridades coloniais portuguesas para designar o atual território de Angola, durante o período do domínio colonial, quando denominaram os territórios ocupados/colonizados como sendo Província Ultramarina de Angola (1951-1972).

28 de Kibocolo, 26 de Maquela do Zombo, 22 da Damba, 10 de Kimbele, 08 do Bembe, 06 de N'osso (31 de Janeiro), 05 do Bungo, 03 da Vila Luso, 02 de Saurimo, 01 de Ambrizete, 01 de Bailundo, 01 da Chela, 01 de Malanje, 01 do Zaire, 02 do Congo Léopoldville, etc. Este número cresceu ao longo do ano de 1962, contando com o grande trabalho desenvolvido pelo próprio Simão Toco que fez elevar o número dos tocoístas para 4.912, o que equivalia a uma média de mais 400 adeptos por mês.<sup>22</sup> O núcleo cresceu muito com a adesão dos membros de Ambrizete e Bembe. A presença de Simão Toco nos finais de julho de 1962 até junho de 1963 e a liberdade de movimentos junto dos sectários, em Luanda, cedo se fez sentir, ordenando, orientando e dando novo e revitalizante impulso aos trabalhos da Igreja.<sup>23</sup> A presença de Simão Toco em Luanda foi extremamente frutuosa para a Igreja, pois a ele se deveu a centralização naquela cidade da orientação dos diversos núcleos, a coesão e disciplina entre os tocoístas.

O núcleo tocoísta de Luanda, tido então como o mais importante de toda a Província por parte das autoridades coloniais em 1964 atravessava uma crise de disciplina, que parece ter afetado as suas atividades. A esta crise não era estranho o afastamento de Simão Toco que, de longe, não pode manter a coesão entre os seus sectários.<sup>24</sup> Por esta razão as autoridades estimavam que a influência do núcleo sobre os demais poderia reduzir-se significativamente, pois, o núcleo local continuava a debater-se com uma crise de disciplina interna. No entender das autoridades e ao que parece, a crise teria tido a sua origem na remodelação da hierarquia da seita que, embora tenha sido feita para melhorar os trabalhos da Igreja, não conseguiu obter o agrado geral, dado que o único resultado palpável que dela se conseguiu foi o da colocação nas mãos de um pequeno grupo o leme da “seita”.<sup>25</sup>

O novo corpo diretivo em Luanda vinha fazendo um esforço para vencer a crise disciplinar causada por Luvualo David e os seus apaniguados, remodelando a sua hierarquia. Assim, foi constituída uma direção que decidia superiormente sobre todos os assuntos da “seita”, foram criadas várias seções que funcionavam sob a superintendência do corpo diretivo.<sup>26</sup> No final de 1964 e início de 1965 as perturbações no núcleo de Luanda acentuaram-se.<sup>27</sup> As dissidências que continuaram a afetar a vida daquele núcleo determinaram a aparição de duas correntes, que se opunham mutuamente, isto em 1965: dos jovens, que parece que pretendia

<sup>21</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Reorganização da Seita e Período de Expansão*, 16.07.1963, fls. 211-213.

<sup>22</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Núcleo de Luanda*, 25.05.1963, fls 82-83.

<sup>23</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 298-299.

<sup>24</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 120, *Relatório de Situação n.º 95*, 29.01.1964, fl. 82.

<sup>25</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 136*, 18.11.1964, fl. 27.

<sup>26</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 121*, 05.08.1964, fl. 86.

<sup>27</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 126, *Relatório de Situação n.º 143*, 06.01.1965, fl. 18.

dinamizar as atividades da “seita”, talvez com tendências evolucionistas; dos velhos, que parecia manter-se reacionária a tais propósitos.

A tudo isso veio juntar-se a divisão do estado efetivo dos tocoístas em relação a Simão Toco. Alguns faziam-lhe propaganda adversa, tendente a levar os seus correligionários a não o considerarem como chefe.<sup>28</sup> Entretanto, dos Açores onde se encontrava, Simão Gonçalves Toco, foi apercebendo que, no seio da sua Igreja, existia uma corrente que o pretendia destituir da chefia, nomeadamente, Muanga Pedro, Cutenda João, Wemba Ambrósio, António Ferreira Lopes, Dongala David, Augusto Wembo, Maquiquila Manuel Monteiro e Nguidi Filemon, contra os quais, ele, Simão Toco, reagiu de seguinte modo, numa carta de 21 de novembro de 1964:

Eu sou o 1º dirigente, e há muitos dirigentes. Podem escolher um outro primeiro dirigente no meu lugar e eu não direi que não. Sou e serei sempre vosso irmão, mas como dirigente dos tocoístas, sou e serei ex-dirigente. Estamos entendidos? (...) as confusões nunca acabarão no vosso meio porque tendes pouco amor e pouca caridade e, muito entre vós não querem comer os diversos animais que descem do vaso vindo do Céu e Deus, zangado, devolve o vaso ao Céu.<sup>29</sup>

Apesar deste pronunciamento, Simão Toco, continuou a ser o líder até a sua morte.

## Os Tocoístas no Zaire

A expansão do Tocoísmo na zona norte da província de Angola, também afetou o Distrito do Zaire, tendo como referência os relatórios do SCCIA (1963 e 1964). Embora localizado na zona fronteira do Distrito do Uíge, primeiro lugar do início da expansão do movimento, no primeiro momento não havia Tocoísmo no distrito do Zaire. Segundo aqueles relatórios, o núcleo principal de tocoístas neste distrito localizava-se na área do Conselho do Ambrizete e era “composto por 31 homens e 85 familiares oriundos do Posto Administrativo de Mucaba, aos quais foi fixada residência naquela área, como medida de segurança administrativa, tomada por despacho de 14 de abril de 1959, do “Governador do Distrito do Congo português”. As suas atividades foram crescendo, auxiliadas em grande parte pela falta de meios de fiscalização com que a Administração do Conselho se debatia e pela facilidade de comunicação com Luanda, com o Norte do Distrito e com a vizinha República do Congo Léopoldville. Nos anos subsequentes, a ausência de Simão Toco parece não ter afetado as atividades daquele núcleo. Pelo contrário, verificou-se que, tinham aumentado as suas atividades proseliticas, o que levou a adesão de

<sup>28</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 126, *Relatório de Situação n.º 144*, 13.01.1965, fl. 37.

<sup>29</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 18.06.1966, fls. 412-413.

alguns membros da área e a constituição de um núcleo com setenta elementos em Mussera, com estreita ligação com Luanda, onde eram enviados os seus chefes para a consulta”.<sup>30</sup>

Nos anos de 1964-65, o dirigente principal do núcleo era Miguel Garcia Carlos, tendo como adjuntos treze conselheiros, dos quais, cinco homens e oito mulheres.<sup>31</sup> Os mesmos relatórios referenciam que o núcleo de Mussera, tendo como dirigente Lamborne Manuel Bessa, se mantinha inativo em termos de subversão política, mas ativo em termos de recrutamento e realização de atividades religiosas, de forma secreta. Mas, por precaução havia sido orientado o chefe de Posto da Polícia de Ambrizete que continuasse a vigiar, para que os tocoístas não exercessem cultos publicamente ou reuniões particulares, com especial cuidado sobre possíveis ligações com o exterior da localidade onde residiam.<sup>32</sup> Até o ano de 1965 o distrito do Zaire continuou a ter os três núcleos. Mas, não lhe foi conhecida atividades político-subversivas, porém as autoridades, por falta de fiscalização não sabiam os capítulos bíblicos usados.

### Os Tocoístas na Huila

O Tocoísmo fez-se presente na Huíla em 1950 quando Simão Toco foi transferido para Caconda, em consequência de provocar agitação entre os indígenas do Vale do Loge por causa das suas pregações. Foi colocado em Caconda onde “*desempenhou as funções de tratorista da fazenda*”. O núcleo que existiu em Caconda foi fundado clandestinamente pelo próprio Simão Toco.<sup>33</sup> O que parece consistente é que durante os primeiros tempos de Caconda, Simão Toco não deu que falar, manteve-se discreto. Todavia, em finais de 1951 começaram a chegar às autoridades administrativas do Conselho certos rumores de que fazia proselitismo da sua doutrina entre os indígenas da região, especialmente entre os que habitavam o colonato. As “averiguações das autoridades revelaram que Toco iludia a sua vigilância e se ausentava de noite do colonato para fazer reuniões de propaganda.”<sup>34</sup> Em Caconda, a grande massa de adeptos do Tocoísmo situava-se na aldeia de Caluquembe, albergando uns 90% dos 700 tocoístas identificados pelas autoridades.<sup>35</sup>

<sup>30</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 296.

<sup>31</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1964, fl. 428.

<sup>32</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1964, fls. 424-428.

<sup>33</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: Informação Sobre o Tocoísmo n.º 081/69/80/1ª, *Tocoísmo em Caconda*, 09.04.1951, fl. 600.

<sup>34</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fls. 110-111.

<sup>35</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Máscaras Religiosas de Política Africana: Quem Será o Impulsionador*, 25.05.1963, fl. 104.

Em agosto de 1951, o Diretor da Missão Evangélica Filafricana de Caluquembí comunicou ao Administrador do Concelho de Caconda, José Maria Pereira, a sua perspectiva sobre Simão Toco e o emergente Tocoísmo:

as doutrinas que ele professa são em grande parte as da religião evangélica se bem que em parte bastante incompletas ou mesmo confusas; porém, o feito mais evidente da sua acção são certas manifestações espirituais ou psíquicas (crises de tremores, visões), diz ele reconhecer que domina muito parcialmente a religião cristã e deseja ser instruído pelos missionários, pois que há certos pontos da religião que ele não percebe (...); nos problemas respeitantes a política não notamos o mínimo sinal de perigo, reconhecendo ele plenamente a autoridade constituída.<sup>36</sup>

Outro testemunho foi reportado pelo Padre José Gonçalves (católico) e encaminhado na mesma época para o mesmo administrador, onde as qualidades de Simão Toco, as marcas do Tocoísmo e a sua perigosidade, foram também postas em relevo. Segundo este relato, as “pessoas diziam que Toco era um homem extraordinário; um profeta; que sabia explicar muito bem a bíblia a ponto de se dizer que os missionários europeus não sabiam ensinar nada; tinha o dom de conhecer os pensamentos e intenções das pessoas que lá fossem para ouvi-lo, antes de ter conhecido e falado com as mesmas”; o mesmo se dizia ser um “Enviado de Deus” com a missão de fazer conhecer a verdadeira religião; algumas pessoas, sobretudo mulheres, quando ouviam o «Enviado» começavam a tremer e por vezes caíam no chão”.<sup>37</sup>

Tendo em atenção estas informações, as autoridades administrativas coloniais tomaram providências para manter a situação controlada. O Governador do Distrito da Huíla, Manuel da Cruz Álvaro, escreveu “*em face do exposto, afigura-se necessário que Simão Toco e família sejam quanto antes retirados desta região. Afigura-se também necessário que por algum tempo, sejam daqui retirados/separados os indígenas que mais entusiastas se mostram em seguir Simão Toco*”.<sup>38</sup> A confirmação de que Simão Toco fazia pregações de noite determinou a sua transferência para o Posto de Jau, em 1952. Poucas informações existem sobre a sua estadia neste território, mas apuramos que as suas atividades continuaram o que levou a transferi-lo em junho de 1952 para Cassinga e daí, pelo mesmo motivo, em 22 de dezembro, para o Farol de Ponta Albina, no extremo sul litoral de Angola.<sup>39</sup>

<sup>36</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento n.º 57 (Tocoísmo), *Seitas Religiosas: Carta do Diretor da Missão Evangélica Filafricana de Caluquembí ao Administrador do Concelho de Caconda*, 24.08.1951, fls. 45-46.

<sup>37</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento n.º 59 (Tocoísmo), *Seitas Religiosas*, 20.09.1951, fls. 46-47.

<sup>38</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Aditamento sobre as cartas de missionários e Pe. Gonçalves*, 09.10.1952, fls. 48-50.

<sup>39</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fl. 111.

Como forma de combater a crescente expansão do movimento naquele território, em maio de 1963, o Governo da Huíla enumerava os principais melhoramentos introduzidos no colonato de Caconda:

construção e apetrechamento de oito postos escolares, doutros tantos postos sanitários, dotados uns e outros do respetivo pessoal, motorizado o da enfermagem, garantia de visita médica semanal, construção de nove casas destinadas aos trabalhadores mais evoluídos, eletrificação do núcleo central (Uaba), abastecimento de água aos oito núcleos existentes, fornecimento de máquinas agrícolas, etc (...) condições para se evitar fazer mártires os seguidores do Toco.<sup>40</sup>

Os momentos de tensão vividos entre os tocoístas e as autoridades administrativas coloniais parecem terem beneficiado o recrutamento. Em julho de 1963 as autoridades detiveram treze tocoístas que, posteriormente, foram libertos pelas mesmas autoridades. A libertação foi interpretada pelos correligionários como um sinal de fragilidade das autoridades. Não só “ateus” como até protestantes e católicos se deixaram seduzir pela seita e pelo fundo mutualista.<sup>41</sup>

### Os Tocoístas na Zona de Benguela

O Tocoísmo chegou no território de Benguela em 13 de dezembro de 1950, por intermédio dos anciãos Mavembo Sebastião, Makuikuila Manuel, Kula David, Kanga Pedro, todos eles membros do grupo de “12 Mais Velhos” e quanto a expansão, os relatórios do SCCIA (1963, 1964 e 1965) foram explícitos sobre as atividades tocoístas na região. O conjunto dos núcleos do Lobito, Benguela, Catumbela e Baía Farta, que se encontravam intimamente ligados entre si, eram constituídos predominantemente por indivíduos *umbundu* e pela sua identidade e coesão consideramos, nesta investigação, os três como sendo apenas um, que designaremos por núcleo de Benguela, tanto mais que estavam subordinados a um único chefe, N’ti Afonso da Silva ou N’ti Afonso Botage, de origem bakongu. A sua atuação processava-se principalmente ao longo da via do caminho-de-ferro de Benguela, facilitada pelo fato de grande parte dos empregados nos comboios serem prosélitos do movimento. Houve um quarto núcleo na região, o núcleo de Chicuma, mas que manteve mais relações com Caconda do que com Benguela.<sup>42</sup>

Quer nos núcleos criados em Lobito, Catumbela, Baía Farta e Cubal notou-se que os encontros passaram a realizar-se cerca de dois meses depois de terem chegado os primeiros

<sup>40</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Máscaras Religiosas de Política Africana: *Colonato de Caconda*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>41</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Reorganização da Seita e Período de Expansão*, 16.07.1963, fls. 211-213.

<sup>42</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 301-303.

Tocoístas e, de reunião para reunião, o número de assistentes aumentava consideravelmente.<sup>43</sup>

Em 21 de setembro de 1957, o chefe dos tocoístas em Benguela, N'ti Afonso Botage, descrevia a situação evolutiva nestes termos:

já contamos com três mil, setecentos e cinco adeptos. A coincidência é, de facto, evidente e flagrante: o rastilho, que partiu de Benguela, atingiu Lobito imediatamente em agosto de 1962 e chegou a Catumbela em fins de setembro do mesmo ano.<sup>44</sup>

Foi com N'ti Afonso que pela primeira vez se introduziu o termo de “bispo” no seio dos tocoístas, por volta de 1962-63, pois que passou assim a ser chamado pelos seus.<sup>45</sup> Até ao ano de 1964, todos os núcleos que existiam na região do Distrito de Benguela não tinham sido afetados pelo afastamento de Simão Toco da província de Angola. Pelo contrário, suas atividades prosseguiram num ritmo verificado semelhante ao da presença de Simão Toco em Luanda, constituindo o núcleo de Benguela bem servido de mentores, em número e qualidade.<sup>46</sup> A atividade tocoísta na região de Benguela foi considerada claramente anti-portuguesa. Segundo dados da administração colonial, o estado de subversão tinha aumentado consideravelmente, o que causava sérias preocupações nos europeus. Com efeito,

pelo menos num núcleo tocoísta do Lobito, se ministrava, aos seus adeptos, treino de manejo de armas de fogo. Julgava-se também de muito interesse observar que se atribuía à comunhão a capacidade de dar força física e a de imunizar os que a recebessem, contra os efeitos das balas.<sup>47</sup>

Embora da notada atividade tocoísta em Benguela, as autoridades concluíram que entre os anos de 1963 até 1966 não se registrara comportamentos subversivos por parte dos integrantes dos núcleos “tocoístas” naquela área, sobretudo, depois de se terem procedido à detenção dos seus chefes.

## Os Tocoístas na área de Moçâmedes

Outro núcleo na região litoral/Sul de Angola, que nasceu da influência direta de Simão Toco, foi o de Moçâmedes, atual Namibe. O Tocoísmo implantou-se no Namibe e mais

<sup>43</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Referente ao Período entre 29 de setembro e 4 de outubro, *Informação Sobre Tocoísmo*: 05.11.1962, fls. 13-15.

<sup>44</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Fervores de Benguela*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>45</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Fervores em Benguela*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>46</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 303.

<sup>47</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 50*, 22.02.1963, fl. 214.

precisamente na Ponta Albina onde Simão Toco trabalhou como faroleiro. Aquando da sua passagem por aquela área, as autoridades ficaram com a percepção de que Simão Gonçalves Toco era muito “cauteloso e manhoso; tinha medo das autoridades e alegava que só podia dizer aquilo que elas autorizassem; falava muito bem o português, empregando palavras fora da vulgaridade e sabendo bem o que elas significavam; continuava a ser um fanático e convencido de ser profeta de Deus; era ávido de conhecer o mundo exterior e de se continuar a instruir; as suas expressões eram cativantes; foi um indivíduo de bom trato, gentil, atencioso e mostrando ser bem-educado; respondendo ao que se lhe perguntavam, cautelosamente, mas com perfeito raciocínio”.<sup>48</sup>

Apesar da apertada vigilância montada em torno de Simão Toco, este demonstrou capacidades de ludibriar as entidades da administração colonial. As autoridades relataram que ele se aproveitava de dois serventes para enviar a sua correspondência, que aqueles deitavam no correio em Porto Alexandre. Toco, em acordo com os serventes, enterrava a correspondência na areia, algures, num ponto do trajeto para Porto Alexandre. Este ardil foi descoberto pelo faroleiro e daqui resultou a transferência de um dos serventes.<sup>49</sup> Foi em Ponta Albina que Simão Toco terá sido chamado (1961-1963) para se dirigir às pessoas que tinham abandonado as suas casas na zona norte de Angola, com o levantamento de março de 1961, conduzido pela UPA.

### **Reorganização da Igreja Tocoísta: a Criação do Centro Doutrinário do Movimento e a “Terra Santa”. Organização e Hierarquia**

Por volta de 1955 o Tocoísmo já estava presente numa ampla faixa do Norte e “litoral” do território angolano que se estendia do Uíge ao Namibe. Ao mesmo tempo que tal processo ocorria, o Centro Doutrinário do Tocoísmo deslocou-se do Vale do Loge para Luanda, onde se constituiu o núcleo mais importante da Igreja, em cuja formação e organização nós vamos centrar. A implantação do Tocoísmo em Luanda ficou a dever-se a um conjunto de fatores que marcaram a relação dos membros da Igreja com as autoridades coloniais portuguesas. Um dos momentos chaves para este desenrolar foi a apreciação feita pelo então Administrador do Bembe:

desde que aqui cheguei e assumi as funções de Administrador do Concelho, tenho sido forçado a ouvir tantos problemas variados considerados acerca da religião professada por um tal de Simão Toco, que teria sido o chefe dos

<sup>48</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Discriminação do pessoal que trabalha em Ponta Albina: funções*, 19.07.1957, fls. 130-138.

<sup>49</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Discriminação do pessoal que trabalha em Ponta Albina: funções*, 19.07.1957o, fls. 130-138.



colonos do Vale do Loge, e acerca da sua seita que, se não fora já uma longa experiência da vida colonial, teria proposto a Vossa Excelência, para que tal indivíduo e todos os componentes do colonato do Loge fossem pura e simplesmente fuzilados ou deportados para onde não fizessem mal.<sup>50</sup>

Este documento não só salienta o clima de tensão vivido no Vale do Loge, como também justificou a transferência do líder religioso para outras paragens. O proselitismo tocoísta chegou à região de Luanda em abril de 1950, quando Simão Toco esteve em trânsito para Caconda, onde lhe haviam fixado residência pelas autoridades coloniais. Na curta estadia na região, ficou hospedado em Catete, e, naquela Vila, teve várias visões, ou seja, como designam os próprios membros da Igreja, experimentou um novo “Encontro com Deus”.<sup>51</sup>

Sobre o encontro de “Simão Toco com o seu Deus” em Catete, existe nos fundos documentais da PIDE, uma primeira correspondência de Simão Toco datada de 9 de agosto de 1955, redigida em kikongu e dirigida aos irmãos da Igreja de Benguela e do Vale do Loge, onde descreveu a origem do poder de Deus que operava nele; a segunda correspondência do Profeta, datada de 24 de janeiro de 1971, onde desenhou um croquis de localização da área de Catete; a outra correspondência do líder religioso é datada de 31 de outubro de 1971, dirigida à Igreja e aos irmãos de Catete. Foi ainda localizada uma quinta epístola, de 08 de novembro de 1971, endereçada aos irmãos da Igreja de Benguela, no qual Toco afirma ter vivenciado a experiência do “encontro vivo com Deus”, no ano de 1950, quando estava de trânsito para Caconda onde lhe haviam fixado nova residência.<sup>52</sup> Eis o teor escrito por Simão Toco numa das suas correspondências sobre o assunto: *“procurem nessa cidade de Luanda os irmãos de Catete e mandam-me os seus nomes, eu quero dizer-lhes o sinal que está na terra deles que eu vi em abril de 1950, quando dormimos lá 03 (três) dias e éramos 08 (oito) pessoas a ida para Caconda”*.<sup>53</sup> O mais plausível é ter sido este o momento que o núcleo de Luanda nasceu e ganhou o estatuto de Centro doutrinário do Movimento.

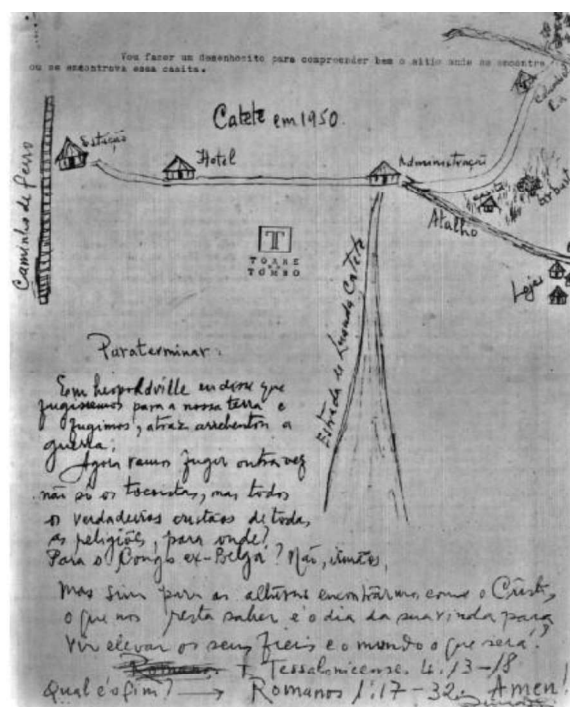
Ilustração n.º 02: Localização de Catete – Desenho de Simão Toco (s.d.)

<sup>50</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento Confidencial n.º 49, *Seitas Religiosas: Informações sobre o Tocoísmo no Bembe*, 19.02.1951, fls. 24-32.

<sup>51</sup> Ruy Blanes fala de 1935, quando se refere ao “encontro de Deus com Simão Toco” em Catete, Luanda. Nas investigações feitas encontramos novos dados que diferem daquela investigação.

<sup>52</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B*, 24.01.1971, fl. 313.

<sup>53</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B*, 24.01.1971, fl. 315.



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B*, 24.01.1971, fls. 315-320.

A importância do núcleo de Luanda ficou expressa numa epístola de Simão Toco de 1973:

todo o Tocoísmo tem a sua raiz em Luanda. A raiz ou raízes são os 12 vices, velhos 48 A e B para tratarem os vossos casos. Por isso, a minha confiança está ligada a esses 12 vices e A e B 48. Quem se afastar deles, podem fazer o quiser, mas eu, a minha confiança está depositada neles por isso tenho lutado para os irmãos 12, vices, velhos e 48 para seguirem a mesma carreira e deixarem as confusões.<sup>54</sup>

Em 1960 o Inspetor Chefe, Aníbal de São José Lopes, pronunciou-se sobre a importância do núcleo ao escrever que o Tocoísmo estava em efervescência bem latente e alguns dos seus elementos de Luanda se pronunciavam no sentido de tornar Angola independente. O mesmo continuou e observou que de todas as seitas de Angola, o Tocoísmo era a melhor organizada e por isso era necessária a ação de vigilância sobre os seus elementos de forma a evitar-se piores consequências no futuro.<sup>55</sup> O líder do movimento em Luanda, considerado responsável do núcleo primário até 1957, localizado no bairro dos congolenses, foi João Jorge Capitão, discípulo de Simão Toco desde os tempos de vivência no Congo, tendo vindo juntos na mesma data para o

<sup>54</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 21.

<sup>55</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Nota Confidencial n.º 460/960-GAI, *Informação Sobre Tocoísmo*: 07.06.1960, fl. 251.

território angolano. As reuniões principais efetuavam-se às quintas-feiras e sábados, das 20h00 às 21h00 e aos domingos das 11h00 às 12h00, sendo este calendário cumprido com rigor. As cerimônias consistiam na leitura da bíblia, seguida de cânticos, extraídos do livro de hinos protestantes. Em meio a cerimônia, o seu chefe, neste caso, o Capitão, fazia uma exortação em língua kikongu, e depois era traduzida para o português por Miguel Marjunga Francisco.<sup>56</sup>

O núcleo secundário estava situado no musseque Mota (localizado no atual bairro do Sambizanga). O seu chefe em 1955-1957 era Henrique Bundo, casado segundo o rito de Simão Toco. Bundo foi doutrinado por João Jorge Capitão. Antes de professar na “Seita”, era protestante. Quando os adeptos deste núcleo não podiam ir às cerimônias dirigidas pelo Capitão, visto ser bastante longe, costumavam efetuar cerimônias numa casa do musseque Mota, nos mesmos dias da semana e horas, usando exatamente o mesmo ritual do grupo de João Capitão, considerado até então, o chefe do núcleo principal.<sup>57</sup> Uma apreciação feita acerca do comportamento dos membros do núcleo de Luanda levou a concluir que os tocoístas retornados da colônia belga “não se misturavam com os “negros” de Luanda”, pois a religião impunha-lhes usos e costumes diferentes. Os “*novos moradores da capital não se readaptaram facilmente aos hábitos vigentes em Angola, visto que no Congo trabalhavam com muita disciplina e estavam acostumados a outro processo social*”.<sup>58</sup>

Outro núcleo tocoísta foi constituído em 1962 no Norte de Angola por ação combinada entre Simão Toco e as autoridades coloniais, o “Povo N’taya” ou “Povo dos Tocos” que se tornou na Terra Santa dos Tocoístas. Como resultado da erupção dos confrontos armados entre as autoridades coloniais portuguesas e o movimento político emancipalista da UPA, em 15 de março de 1961, organização que empreendeu combates contra as autoridades coloniais e contra os fazendeiros portugueses e apoiantes/assimilados que aí se encontravam empregados. Como resultado dos ataques, as populações temendo represálias por parte das autoridades coloniais, preferiram abandonar os campos, as casas, aldeias e fazendas, acabando por se refugiarem nas matas densas, tendo alguns procurado acolhimento na República do Congo Léopoldville.

Para retornar, as pessoas fugidas das suas casas, a seu pedido, as autoridades autorizaram Simão Toco a viajar pelas matas a fim de mobilizar a população refugiada para tal regresso. As viagens começaram no dia 18 de junho de 1962, Simão Toco saiu de Carmona (Uíge), rumando para o Songo e daqui, no dia seguinte, para o Colonato do Vale do Loge, em cujas imediações

<sup>56</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo em Luanda*, 20.03.1957, fls. 93-94.

<sup>57</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Tocoísmo em Luanda*, 20.03.1957, fls. 93-94

<sup>58</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 02.04.1957, fls. 90-91.

permaneceu até o dia 21, tendo visitado Damba e Maquela. Simão Toco, em Kimpangu, na fronteira do Congo com Angola, declarou perante numerosos refugiados angolanos o seguinte:

eu fui detido pela minha nobre missão sobre a salvação das almas e por isso estive preso. Tendo sido libertado, continuo desta vez a mesma missão no interior de Angola. Eu convido por consequência, os meus adeptos que se encontram fora do território a se juntarem a mim para continuar em conjunto a tarefa que nos propusemos levar a cabo.<sup>59</sup>

Esta ação produziu efeitos, pois numerosos partidários de Simão Toco regressaram a Angola, não para se submeterem à dominação portuguesa, mas para com outros métodos, continuar com a luta de libertação de Angola, o que coloca a ação de Simão Toco no mesmo plano, que conduziram diversas organizações nacionalistas. Embora da fiscalização eficaz por parte das autoridades coloniais, consta que Simão Toco deu provas, mais uma vez, da sua sutileza ao conseguir ter conversações e contatos com indivíduos, sem que fosse alvo de qualquer fiscalização apertada. Nestas viagens Simão Toco não foi devidamente entendido pelas autoridades, porque o Administrador Eduardo Leiria Dias, que conhecia o kikongu, adoeceu em 21 de junho e as preleções feitas em 22, 23, 24, 25, 26 e seguintes, não tiveram qualquer fiscalização oficial. A partir do dia 27 passou a ser acompanhado pelo Secretário do Administrador Farinha, que confessou conhecer mal a língua local, pelo que Simão ficou mais à vontade quando se pronunciava em kikongu.<sup>60</sup>

Simão Toco alcançou a Vila de Maquela do Zombo, a 27 de junho de 1962, acompanhado de um tio, do seu filho João Toco e do tradutor Luvualo David. Para ser reconhecido entre os seus e para que pudesse conseguir ainda mais prosélitos para a sua Igreja, na região de Maquela entoou alguns cânticos em kikongu. Exemplo:

Eyai numwene y ngyiend'a Mose, yo wana Yisaele, Batuka ku nsi yina ya Ngipitu, Mu kwenda ku nsi a kiese. Mose owand'o nkawu, Mose owand'onkawu, o maza mavambana. Owana Yisaele, owana Yisaele, Basauk'embu a mbwaki. Akwikidi a Yisu, Mindele y'a Ndombe, Luvuzu bevinganga. Vav'enzo a Yave ikala vena bena, Oyave ovaul'e Yisaele: Empatu zau ye nkuna zau. Zizinga mvu ke mvu”.

Em português poderia ser entendido:

esta é a partida de Moisés, com os filhos de Israel. Partindo do Egipto, para a terra da alegria. Moisés bateu com a vara (bengala), as águas separaram-se; Os filhos de Israel atravessaram o mar vermelho; Os cristãos, brancos e pretos,

<sup>59</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: *Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 18.

<sup>60</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1960 – O Regresso de Simão Toco à Convivência com os seus Correligionários*, 16.07.1964, fl. 208.

aguardam a salvação; Na casa do Senhor estarão, Deus separará Israel; Suas lavras e seus produtos prosperarão.<sup>61</sup>

Em termos práticos, as viagens de Simão Toco trouxeram de volta ao território angolano um número de 433 homens, 606 mulheres e 583 crianças, o que perfaz um total de 1622 pessoas. Em julho de 1962, as autoridades classificaram a situação política naquela área como sendo estacionária, entretanto, levantaram-se suspeitas de que, entre os regressados, pudessem existir infiltrados guerrilheiros no seio dos tocoístas, por isso, formou-se uma “rede de informantes, com o fim de denunciar os que não pertencessem a Seita”. E como corolário dessas atividades, foi criado, em 1962, o *Povo N'taya* ou “Terra Santa” dos Tocoístas, no concelho do Zombo, que ficou mais conhecido pelo “Povo dos Tocos”, e nele foi construída uma Igreja.<sup>62</sup>

Os meses subsequentes as ações da UPA e em particular o ano de 1962, e por causa das perseguições movidas contra os aderentes do movimento religioso, os sequazes do Tocoísmo deixaram de construir igrejas, passando a orar, na maioria das vezes, em lugares secretos. Na fase do eclodir da guerra armada, os tocoístas acusados de cooperar com a UPA foram compulsivamente subdivididos em pequenos grupos clandestinos de sucursais, os quais funcionavam à noite. Cada sucursal tinha um responsável que recebia orientações do responsável máximo da classe ou da Igreja e, por sua vez, este, recebia da Igreja Central sediada em Luanda.<sup>63</sup>

A liderança entre os membros Tocoístas esteve sempre centrada no fundador como figura máxima. Aquando da sua deportação pelas autoridades portuguesas da sua terra natal para o Bembe, “*Simão Toco, ao partir, legou os seus poderes, as suas virtudes a seu tio Mingiedi Finda. Também, este, não tardou a seguir a sorte do seu sobrinho. Por sua vez, foi sucedido por N'kemi, que ficou o responsável pela seita em Matadi*”.<sup>64</sup> As investigações feitas pouco puderam apurar sobre a biografia de Mingiedi Finda e as suas principais atividades em prol do Tocoísmo. N'kemi era assistido por um concelho composto de um tesoureiro, de um ecónomo, de alguns “*bambuta*” ou “*mais velhos*”, de um secretário, de “*milongi*” ou “*professor*” e conselheiros, que ensinavam nas suas aldeias os ofícios de alfaiate, carpinteiro e pedreiro, etc.<sup>65</sup>

Outra figura importante na hierarquia foi Pululo José ou Pululo Joseph, filho de Nkuku N'tima, natural de Kimpesse, Maquela do Zombo. Naquela altura, contava com “*35 anos de*

<sup>61</sup> Entrevista a Afonso Luzito, em Uíge, 10 de maio de 2019.

<sup>62</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Semanal n.º 22/62-S.R., *Informação Sobre Tocoísmo: Situação no Concelho do Zombo*, 15.07.1962, fls. 134-135.

<sup>63</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Carta de Simão Sobre a Criação das Sucursais*, 03.04.1973, fl. 33.

<sup>64</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

<sup>65</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

idade, foi para o Congo Belga acompanhado de seu tio, comerciante naquele território, tendo ficado Pululo, empregado na padaria do Sr. Tonot, a fim de aprender a arte (...).<sup>66</sup> Chegou a frequentar a Missão Protestante de Kimpesse e, no Congo Léopoldville, continuou a mesma religião, tendo mais tarde pertencido à *Armée du Salut* e, em 1949, passou para a religião de Simão Toco.<sup>67</sup>

### **Ações de 1961 e a Deportação de Simão Toco Para os Açores. O Exílio Como “Experiência Trans-imperial” (1963-1974)**

Os ataques de 15 de março de 1961 protagonizados pela UPA tiveram um grande impacto no curso da vida de Simão Toco e do Tocoísmo. Aquando da data acima referida, a população branca e negra vivia um clima entre duas linhas de fogo. Por um lado, sofria a repressão cega levada a cabo pelas autoridades coloniais portuguesas e, por outro, suportava ameaças e “assassínios” perpetrados por líderes de guerrilha que se afirmavam partidários do movimento emancipalista UPA. Este movimento que se enraizou principalmente na zona norte de Angola entre os povos bakongu, mas com aderentes também entre os *ambundu* e os *o vimbundu*, iniciou a sua luta armada de libertação nacional naquela região do território a 15 de março de 1961, nomeadamente no Concelho do Uíge, estendendo-se, *a posteriori*, para o sul, até à atual província do Bengo (MBAH, 2010, p. 163; WHEELER; PÉLISSIER, 2009, p. 286).

Naquilo que muitos investigadores preferem chamar de “massacre” e não de simples ataques ou demonstração de simbolismo nacionalista, foram mortos e mutilados centenas de colonos portugueses e trabalhadores autóctones, homens, mulheres e crianças nas fazendas de café, nas zonas dos Bembe, Ambuila, Quibaxe, Dembos, Negage, Úcua e Nambuanguo. As fontes portuguesas descreveram que “em menos de 48 horas, pelos distritos do Zaire e do Uíge houve devastação maldita. Plantações e casas solitárias são saqueadas e incendiadas; aldeias são arrasadas; é posto cerco a vilas e pequenas povoações, cortando-se-lhes os abastecimentos; vias e meios de comunicação social ficam destruídos” (MATEUS; MATEUS, 2011, p. 124-125).

Se os ataques de 15 de março da UPA de Holden Roberto,

planeados por Frantz Fanon, tinham por intuito responder às chacinas de milhares de africanos meses antes, e provar a existência de trabalho forçado, acabaram por manchar a luta anticolonial com cenas de terror que o regime vira

<sup>66</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Pululo José ou Pululo Joseph, 15.05.1957, fls. 96-98.

<sup>67</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Pululo José ou Pululo Joseph, 15.05.1957, fls. 96-98.

avidamente a seu favor. A chacina espalha-se por semanas, revelando a impreparação e tribalismo da UPA, formada por bakongo que assassinaram grotescamente entre 4 e 5 mil negros, bakongo, ovimbundu e ambundu, e cerca de 300 a 800 brancos (MATEUS; MATEUS, 2011, p. 129).

O balanço das vítimas destes acontecimentos é referenciado nos relatórios de situação do ano de 1962:

No Distrito de Cabinda, contaram-se 09 europeus e 07 nativos; Zaire, 36 europeus e 65 nativos; Uíge, 188 europeus e 2000 nativos; Luanda, 171 europeus e à data de março de 1962, não se conheciam as reais estimativas quanto aos nativos mortos; Cuanza Norte, 111 europeus e 320 nativos; Malanje, 31 nativos e sem informação sobre europeus mortos.<sup>68</sup>

No tocante às áreas ocupadas, os relatórios referem que o:

surto terrorista de 15 de março de 1961 cobriu quase toda a zona Norte da Província de Angola, abrangendo os distritos do Zaire, num total de 13%, Uíge, coberto a 100%, Luanda, quase na sua totalidade, Cuanza Norte, 32% do seu território, Malanje, com 5% do território afetado e Cabinda foi apenas afetada economicamente. Não se pode afirmar, no sentido militar do termo, que os terroristas tivessem ocupado completamente qualquer região. Limitavam-se a atacar as fazendas e povoações, regressando imediatamente às matas.<sup>69</sup>

Simão Toco foi um daqueles que condenou veementemente os ataques e, em junho de 1961, depois de regressado do Sul de Angola, numa das suas sessões religiosas em Luanda, dirigiu-se às massas populares, onde fez passar a mensagem de que se encontrava há doze anos no Sul de Angola a trabalhar, não só fisicamente, mas também espiritualmente. Que todos deviam tratar do seu espírito porque nem só os bens materiais interessavam. Que nunca deviam se esquecer que eram portugueses, embora autóctones nascidos em Angola, pelo que deviam sempre respeitar as autoridades do Governo Português.<sup>70</sup>

Foi naquela ocasião que condenou os ataques que apelidou de “terroristas” ao dizer:

os terroristas semeiam a destruição e a morte. Afastaram-se completamente do Senhor, pelo que a causa deles nada tem de bom. O Senhor não quer acções más, nem o caos, que os terroristas apaniguados com o demónio, impuseram no Norte da nossa terra, que é portuguesa. Quero ir aquelas terras falar aos nossos irmãos, e para isso espero autorização do nosso governo. Os terroristas estão contra mim pela posição que tomei pelas falas que eu empreguei. Do mesmo

<sup>68</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 110, *Relatório de Situação n.º 9*, 16.03.1962, fls. 26-63.

<sup>69</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 110, *Relatório de Situação n.º 9*, 16.03.1962, fl. 63.

<sup>70</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Informação Confidencial n.º 18/02-6 SR, *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco em Luanda*, 08.06.1962, fl. 141.

modo o nosso Estado também tem os olhos postos em mim porque não confiam na minha palavra.<sup>71</sup>

No tocante a participação da seita nos eventos de 1961, as autoridades administrativas coloniais tinham noção de que à medida que o movimento ia crescendo, mais arreigava no espírito das autoridades que com ela mais de perto lidavam e começaram a notar que estavam na presença de um perigo em potência. Tudo nasceu das diversas missivas que caíam nas mãos das autoridades, que no seu entender eram tão deladoras das atividades dos tocoístas que a ninguém, por mais otimista que fosse, seria lícito alimentar ilusões sobre a pretensa inocência dos tocoístas.<sup>72</sup>

Entre cartas, diários e cânticos dos membros tocoístas, encontravam-se vários indícios de sua participação ou preparação nos acontecimentos de 15 de março de 1961. Foi o caso que se deu com dois diários<sup>73</sup> tocoístas apreendidos e transcritos pelas autoridades, onde comentavam à sua maneira, palavras do Evangelho. No diário de 05 de abril de 1959, se podia ler que “*antes de mais quero que saibais que eu sou o libertador que vos vem avisar de que amanhã sereis chamados pelo Estado; cantai porque no último dia, isto é, no ano de 1961, haverá alegria e os sofrimentos acabarão*”. No outro diário de 21 de março de 1959, se encontraram as seguintes passagens: “*não tenhais medo porque na minha mão tenho o martelo contra os inimigos. Nem espingardas apontadas contra vós, nem facas, nem catanas vos poderão prejudicar, porque eu estou sempre convosco*”. No mesmo diário encontrou-se também duas estrofes de um hino cantado pelos tocoístas: “o Congo, o Congo é nosso; o Congo, o Congo é nosso; acabou-se a discussão, preparai-vos, preparai-vos, eu virei salvar o mundo; desde que entraram cá na nossa terra, há quatrocentos e setenta e três anos, nem um ano nos deram alegria, é sempre tristeza cá na nossa terra”.<sup>74</sup>

Durante o período em que Simão Toco passou no Sul de Angola, os tocoístas entoavam o seguinte hino, em sua homenagem:

o pai Simão anda preso (...) tem a sua gente que o libertará; este Congo vai já tremer! O Congo é dos pretos e já vai tremer! Passa do tempo que já servimos (...) o Congo é dos pretos e já vai tremer! Está a aproximar-se o perigo para toda a gente. Quando começar a guerra, choros se levantarão! A guerra do Arcanjo Miguel já começou.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Informação Confidencial n.º 18/02-6 SR, *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco em Luanda*, 08.06.1962, fl. 141

<sup>72</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fl. 128.

<sup>73</sup> Não foram identificados os donos dos mesmos, sendo chamados apenas por membros do movimento Tocoísta.

<sup>74</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Informação do Tenente Capelão, José Moita, Sobre o Tocoísmo em Carmona*, 06.01.1962, fl. 371.

<sup>75</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Informação do Tenente Capelão, José Moita, Sobre o Tocoísmo em Carmona*, 06.01.1962, fl. 372.



De uma maneira geral, o fato mais denunciador da culpabilidade dos tocoístas nos atos de 15 de março de 1961 foram os “resultados de várias confissões de muitos seguidores do movimento e não só através de interrogatórios. Um dos casos se deu quando um sobrevivente na Roça, Maria José, em Carmona (Negage), declarou as autoridades que os “sectários do Tocoísmo não haviam sido alvo de qualquer violência por parte da UPA (...), o papá Armindo, falou a todos que o mundo ia acabar, que ia ser feita justiça e que todos os que receberam o espírito deviam considerar-se soldados para combater contra os “brancos” que estavam a cometer muitos pecados. Que todos os soldados deveriam cortar as calças para delas fazerem calções (...)”.<sup>76</sup> Havia sido apreendidos outros documentos aos tocoístas e que faziam referência aos acontecimentos de março de 1961. Um dos documentos que levou as autoridades administrativas a admitir a cumplicidade dos mesmos nos ataques de 15 de março, referia:

Pai Simão mandou o serviço, o serviço foi feito. Os homens de Deus escreve ai, ai, os sofrimentos do preto, os sofrimentos do preto, ai, ai, sofrimento do preto, o reino do preto voltará. Nós também estamos preparados para recebermos a nossa terra. Os nossos nomes Deus escreve, ai, ai, ai; pode andar meu filho mesmo que estejas no perigo, mesmo no perigo não desgostas, não desgostas Simão; deves respeitar e difamar Deus, não tendes medo, Jesus é filho de Deus, não tendes medo; Simão é filho de Deus, não tendes medo; o Pai Simão é que mandou, a terra já vai balançar, começou e já vai balançar; ele e o pai Mabuaka é que mandou, a terra já vai balançar; oh! Pai os nossos profetas apareceram, a terra já vai balançar, começou e já vai balançar.<sup>77</sup>

Como consequências das atividades da UPA, as estatísticas das autoridades indicavam que no distrito de Cabinda, da população nativa fugiram cerca de 17.000. Não se verificaram casos de nativos fugidos para as matas, sendo que os nativos se refugiaram igualmente pelo território dos dois Congos, Léopoldville e Brazzaville. No distrito do Uíge, cerca de três mil e oitocentos nativos fugiram das zonas que habitavam normalmente refugiando-se no Congo Léopoldville, aproximadamente, noventa e nove mil e os restantes para as matas. No distrito de Luanda fugiram para as matas cerca de trinta e nove mil nativos. No distrito do Cuanza Norte, refugiaram-se nas matas cerca de quatrocentos e dezenove mil nativos. Conhece-se apenas quatro casos de nativos refugiados no Congo Léopoldville. No distrito de Malanje, fugiram cerca de sete mil e setecentos nativos havendo aproximadamente setecentos refugiados no Congo Léopoldville e os restantes nas matas e outras áreas.<sup>78</sup> Por altura destes acontecimentos, Simão

<sup>76</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fls. 129-136.

<sup>77</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fls. 197-205.

<sup>78</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 110, *Relatório de Situação n.º 9*, 16.03.1962, fl. 66.

Toco encontrava-se a prestar serviço no farol de Ponta Albina, o que dificulta estabelecer uma ligação direta com o líder e os mesmos por falta de elementos probatórios, entendemos que em alguns nada teve a ver com Simão Toco, mas sim, com certos membros, uma vez que alguns eram aderentes de movimentos de libertação.

Depois dos acontecimentos de 15 de março de 1961, e porque entre os indivíduos que andavam a monte e aos que haviam assentado nos acampamentos nos países vizinhos muitos eram correligionários de Simão Toco, foi planeado que este fizesse uma peregrinação pelo Norte da Província, com o fim de convencer os seus seguidores a apresentarem-se nos povos e reorganizarem em paz e harmonia a sua vida. Simão Toco saiu de Ponta Albina, em 16 de junho de 1962<sup>79</sup> e segundo o programa elaborado, deveria visitar Songo, Toto, Bembe, Damba, Kibocolo, Maquela, M'banza N'sosso, Kimbata, 31 de janeiro, Bungo, Negage, Púri e Sanza Pombo. Foi assim que para chamar aquelas populações a regressarem à sua terra, o então Governador-geral, general Venâncio Augusto Deslandes, atendeu ao pedido. No Despacho n.º 190, de 11 de junho de 1962, que autorizou a deslocação de Simão Toco, o governante refere considerar:

muito conveniente que o referido Simão Toco se desloque – como aliás é seu desejo – a várias localidades do Distrito do Uíge, para que possa contactar com os Tocoístas residentes nessas localidades ou que aí se apresentam para esse efeito (...); nas seguintes condições: “n.º 04: nas suas deslocações, dentro do Distrito do Uíge, Simão Toco deverá ser acompanhado de alguém de confiança que fale ou entenda bem o kikongo e por um funcionário administrativo designado pelo respetivo governo local, que promoverá as medidas necessárias para que as reuniões decorram em termos convenientes, devendo comunicar imediatamente ao Governo do Distrito as ocorrências que se forem verificando; n.º 05, porque a segurança pessoal de Simão Toco é de maior importância, deverão as autoridades, especialmente, as militares, providenciar para que ela seja garantida (organizando escoltas, se necessário, mas sem que resulte a aparência de que Simão Toco está sob custódia ou coação); n.º 06: Simão Toco poderá fazer-se acompanhar por três familiares, como parece ser seu desejo; as medidas de segurança a que acima se alude deverão tornar-se-lhes extensivas.”<sup>80</sup>

Simão Toco seguiu viagem para o norte e as autoridades administrativas e policiais que o acompanharam, em colaboração com o Padre colocado na Damba, registraram que durante as deslocações, em algumas ocasiões, o líder teria declarado que a religião católica e protestante tinha os seus dias contados em África, visto serem religiões dos “brancos”. Informação justificada quando numa fotografia mostrada a um dos seus companheiros, vinha sobreposta a inscrição “Igreja de Cristo”, tendo sido logo comparada com a designação de religião

<sup>79</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1960 – O Regresso de Simão Toco à Convivência com os seus Correligionários*, 16.07.1964, fl. 206.

<sup>80</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Despacho n.º 190 – Confidencial, fls. 138-140: *Informação Sobre Tocoísmo*, 11.06.1962, fls. 138-140.

Kimbanguista. Isso levantou suspeitas de que o Tocoísmo e o Kimbanguismo se estivessem a unir contra as chamadas religiões dos “brancos”.<sup>81</sup> No cruzamento das informações, as autoridades coloniais tiveram em conta os dados fornecidos pelos padres católicos e, como consequência, de acordo com Blanes, em 1963 estudou-se a possibilidade de aplicar a medida de proscrição ao Tocoísmo, com a seguinte sustentação:

o Tocoísmo é inconveniente e a sua expansão deve ser contrariada; os chefes e adeptos mais extremistas devem ser detetados, expurgados e exilados para zona a determinar, sendo aconselhável que estes indivíduos sejam denunciados publicamente por chefe da seita influente; aos chefes colaboradores e moderados será concedido auxílio para a educação dos seus filhos; aos missionários será concedido apoio para acção apostólica junto dos sectários de Simão Toco (BLANES, 2013, p. 41).

Em junho de 1963 a “transferência administrativa” de Simão Toco está decidida, por tratar-se de pessoa cujo prestígio entre os seus prosélitos era um fato incontroverso. A ação que desenvolvia, na medida em que era lesiva aos interesses da soberania nacional, teria de ser anulada urgente e definitivamente; e o primeiro passo foi a sua retirada de Angola, por forma a privar o movimento tocoísta do chefe incontestado, colocando-o a distância que tornava impossível o menor contato com qualquer elemento da sua seita. Como funcionário dos serviços de farolagem, explorou-se a possibilidade de ser colocado em posto isolado – de preferência nos Açores e o mantendo em serviço, daria o aspecto de uma transferência que teria, pelo menos, a vantagem de evitar uma reação maior dos seus numerosos e sinceros partidários.<sup>82</sup>

Partiu a 19 de julho de 1963 de Luanda, via S. Tomé – Bissau, acompanhado de mulher e filhos, o natural de Angola Simão Gonçalves Toco, chefe da seita pseudo-religiosa intitulada “Tocoísmo”. Em Lisboa, foi entregue à Agência Geral do Ultramar, posteriormente, prosseguiu viagem com destino aos Açores, onde foi colocado como faroleiro.<sup>83</sup> Embora transferido e longe dos seus seguidores, a autoridade incontestável daquele líder religioso junto dos membros da Igreja continuou e ficou explícita numa carta dirigida ao então Governador de Angola pelos anciãos daquele Movimento, que respondiam diretamente pelos assuntos inerentes aquela organização. A mesma foi redigida uma década depois de Simão Toco ter sido deportado para os Açores e nela pediam o reconhecimento do mesmo como autoridade máxima e aproveitaram para declarar lealdade ao seu dirigente:

<sup>81</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Ofício Confidencial n.º 1063/5140/64/GP, fls. 53-54: *Visita de Simão Toco a Damba*, 11.07.1962, fls. 53-54.

<sup>82</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029: Informação Confidencial n.º 1827/5, *Transferência de Simão Toco para os Açores*, 10.06.1963, fls. 4-5.

Excelência, a Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, Relembrada em 25 de julho de 1949, em África Ocidental e Portuguesa e, com Sede Central em Luanda, Angola (...). Sendo o fundador e dirigente daquela comunidade Cristã, o digno irmão Simão Gonçalves Toco, que atualmente reside em Ginetes S. Miguel Açores, Portugal. O referido Dirigente da Igreja tem um contacto direto em correspondência com os membros dirigentes desta Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo e, estabeleceu o seguinte: modalidade de um Novo Tocoísmo: de hoje para o futuro não haverá mais casos de maluquices entre o povo tocoísta da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque o Dirigente fundador, o digno irmão Simão Gonçalves Toco, organizou um Novo Tocoísmo; Novas ordens e métodos do ensino religioso; Mandou tirar os costumes de outras seitas, que provocam confusão no meio do povo tocoísta. Por exemplo, os adeptos da seita Kimbanguista. Agora, está tudo em ordem, e para todas localidades de Angola, foi estabelecido o Ensino da Igreja em toda a parte onde residem os Tocoístas, de modo geral, os ensinamentos da Igreja, sejam os mesmos e, a oração a Deus, também é a mesma (...)! Somos Portugueses e, cuja nossa Igreja é essa: Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo. Dignamente dirigida com a maior procedência pelo nosso irmão e Dirigente, Simão Toco.<sup>84</sup>

Aproveitando-se destas boas graças que gozava junto dos seus prosélitos, continuou a dirigir a Igreja à distância, através de conselheiros e de inúmera correspondência. Em março de 1973, dirigiu-se por via postal para todos os anciãos, conselheiros e membros da Igreja que haviam pecado no ano de 1972, informando: *“seja quem quer que fosse, ficava perdoado por qualquer pecado que cometeu e quem tivesse sido destituído devia reaver o seu lugar que outrora ocupava. Citou os exemplos dos seus irmãos de religião, nomeadamente Sala Eduardo, Armando Manuel da Cruz, João da Costa, (...).”*<sup>85</sup> Ao lermos as fontes ao nosso dispor, percebemos que as correspondências de Simão Toco e dos seus membros se constituíram num verdadeiro embaraço para as autoridades coloniais. A experiência trans-imperial até agosto de 1974 foi uma realidade dentro do Movimento do Tocoísmo, encabeçada pelo seu líder exilado para os Açores. Teve alguns seguidores, mas nunca se constituiu como uma Igreja propriamente dita.

## Conclusão

As autoridades administrativas coloniais tinham identificado vários fatores que contribuíram para a rápida expansão do Tocoísmo em Angola, destacando-se, a fixação de residência a tocoístas, em regiões ainda não contaminadas, que permitiu aos sectários de Simão Toco, e ao próprio Simão, fazer proselitismo entre os naturais das regiões onde se encontravam

<sup>83</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 35.

<sup>84</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Solicitação ao Excelentíssimo Senhor Governador Geral de Angola*, 03.11.1971, fls. 277-279.

<sup>85</sup> Cf. AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1: *Carta de Simão Toco aos Membros da Igreja Tocoísta*, 23.03.1973, fls. 96-98.

desterrados; a pequena cobertura missionária da “Província” contribuiu para que estes se deixassem enredar pelo Tocoísmo; a escolha dos temas das pregações, de um modo geral versando sobre a revolta dos judeus contra os opressores, porque se enquadrava no clima de violência vivido em África e fazia promessas de um futuro onde tudo seria alegria, bem-aventurança e gozo; a tolerância das autoridades em relação ao movimento fez com que os não iniciados vislumbrassem, na adesão ao Tocoísmo, um meio de se elevarem socialmente.<sup>86</sup>

Em 1958 o comando Militar de Angola, esquematizou e indicou como pontos nocivos, relativamente a existência da seita, a reunião de “indígenas de tribos” diferentes na mesma organização religiosa; a sua desenvolvida organização, a fanática obediência aos seus chefes e rígida disciplina, torná-la-iam muito perigosa se fosse conduzida por agentes sabotadores ou “terroristas” estrangeiros; subtraía à ação das missões católicas e ao controle das autoridades, grande número de “indígenas”, fazendo-lhes perder o respeito pelo “branco” e incutindo-lhes a noção de obediência exclusiva aos “negros”. O movimento foi considerado como um elemento subversivo em potencial, sempre apto a atuar pela surpresa se não estivesse permanentemente sob o controle das autoridades e tinha tendências xenófobas e apto a ligar-se aos movimentos emancipalistas.

Na primeira metade dos anos 1960s os tocoístas mostravam-se muito ativos, levando os povos de confissão protestante a abraçarem a doutrina da sua “seita” que, dado o seu caráter de nacionalismo africano, era facilmente aceite pelos nativos. Os dados apontam que a falta de assistência religiosa aos nativos protestantes tenha sido a causa primária que os levou a abraçarem o Tocoísmo, como meio de satisfazerem os seus anseios místicos.<sup>87</sup> Mas, outras fontes indicam que desde a sua instalação em Angola em 1950, até a eclosão dos acontecimentos de 15 de março de 1961 não se tinham verificado casos graves de violência com adeptos de Simão Toco. Pela diversa correspondência censurada de Simão Toco e a seus adeptos verifica-se que aquele, pelo menos aparentemente, se manteve afastado e alheio à orientação dada nos atos de 1961.<sup>88</sup>

Sobre a reorganização e hierarquia do movimento as fontes indicaram que Simão Toco encabeçou a Igreja em Luanda por um período de quase um ano, desde julho ou agosto de 1962 até julho de 1963. A reorganização e a sua hierarquia aconteceram quando se deu o ataque de 15 de março de 1961, levado a cabo pela UPA, suspeitas de colaboração com aquele movimento motivou a transferência para os Açores em 1963. Quanto a sua transferência para os Açores, entendemos que foram tempos difíceis e de privações no princípio, mas, o seu comportamento moral, rapidamente fez-lhe granjear muita simpatia e respeito dos açorianos. Hoje, se pode

---

<sup>86</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 308-309.

<sup>87</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 53*, 15.03.1963, fl. 61.

afirmar que, com Simão Toco, o Tocoísmo permaneceu vivo, mas nunca presente como religião naquele território. Cartas chegavam, passadas pelas malhas da censura. Foram várias as correspondências enviadas a Simão Toco e que as conservava arquivadas. Mas, no convívio nas ilhas, Simão Toco continuou a aplicar os princípios religiosos que sempre professou.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLANES, Ruy Llera. Da Confusão à Ironia. Expectativas e Legados da PIDE em Angola. *Análise Social*, nº 206, vol. XLVIII, p. 30-55, 2013.

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. **Angola 61 - Guerra Colonial: Causas e Consequências**. Portugal: Texto Editores, 2011.

MBAH, Jean Martial Arsene. **As Rivaldades Políticas entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)**. Luanda: Mayamba, 2010.

SANTOS, Eduardo dos. **Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, Réne. **História de Angola**. Lisboa: Edições Tinta da China, 2009.

### A. Fontes

#### ARQUIVO HISTÓRICO DIPLOMÁTICO

AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029;

AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357;

AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1.

#### ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (PIDE/DGS E SCCIA)

ANTT/SCCIA, Livros n.º 110, 115, 116, 120, 123, 124, 125 e 126.

PIDE/DGS, Delegação de Angola, Sec. 731 NT 962-964;

PIDE-DGS/Delegação de Angola, Cx. 7440, P. 6462

PIDE/DGS, Delegação de Angola, SCCIA, NT 262

PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 NT 2111;

PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 A NT 2105;

### OUTRAS FONTES

Entrevista a Afonso Luzito, em Uíge, 10 de maio de 2019.

Recebido em: 16/07/2023

Aprovado em: 10/11/2023

<sup>88</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: *Simão Toco*, 22.01.1963, fls. 15-16.